



PEPETELA. *SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS*. LISBOA: DOM QUIXOTE, 2016. 383p.

Sheila Jacob¹

A sedução do escritor angolano Pepetela pela história de seu país, marca de grande parte de sua produção literária, é mais uma vez surpreendida em seu recém-lançado romance *Se o passado não tivesse asas* (Ed. Leya, 2016). A obra constrói-se a partir de duas histórias paralelas, apresentadas em idas e vindas no tempo de Angola como se fossem as ondas do mar que banha a ilha de Luanda, um dos territórios privilegiados na narrativa. Intercalando os anos de 1995 e 2012, vamos conhecendo os desafios enfrentados pelos amigos Himba e Kassule, que lutam por sua sobrevivência em tempo de guerra civil; e os dramas vividos pelos irmãos Sofia e Diego Moreira já no pós-guerra. Mais uma vez o autor, por meio de sua potente ficção, nos permite “abrir o livro do passado” (2016, p. 265) e contrapor o ontem ao hoje em suas semelhanças e diferenças.

As relações entre a produção literária angolana – especialmente o caso de Pepetela –, com o passado e os caminhos percorridos pela nação, já foram reconhecidas pelo próprio autor em prefácio ao livro da pesquisadora Inocência Mata no qual ela investiga exatamente o frutífero encontro entre ficção e história que se dá em um conjunto de obras do escritor. Diz ele:

A minha geração foi privilegiada por ter tido que fazer opções dramáticas. [...] Por ter de fazer esse tipo de opções (lutar ou não lutar contra a situação colonial, pegar em armas ou trabalhar no exílio frio, desertar ou continuar num exército de ocupação colonial, etc., etc.) a literatura da minha geração está “contaminada” por essas opções pessoais. **Daí o socorrer-se do passado para pensar o presente e perspectivar o futuro**, daí o interesse pelos problemas que fracturam a sociedade, daí a ligação quase indispensável com o facto político. Os meus livros não podiam ser excepção. (PEPETELA. *In: MATA*, 2010, p. 14, grifo nosso)

Tal postura se mantém nas obras posteriores, inclusive na última por ele lançada, na qual recorre-se ao passado para denunciar suas opressões, pensar o presente com as contradições e os problemas que sobrevivem para, desse modo, apontar para um futuro no qual é necessário batalhar por novos e urgentes laços de afeto e solidariedade. Desse modo, *Se o passado não tivesse asas*, ao nos apresentar “estórias que a História tece” (p. 276), dá continuidade às questões que Pepetela reconheceu como sendo forças motrizes de sua escrita.

O romance se inicia anunciando como marco temporal o ano de 1995, portanto, época de guerra civil. Nós, leitores, passamos a acompanhar a trajetória de Himba, uma menina de 13 anos que perdeu a família na fuga de Huambo para Luanda após terem abandonado tudo “porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles” (2016, p. 9). Sozinha e sem rumo, precisa aprender a sobreviver em uma cidade

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense; sheila.jacobb@gmail.com.

inóspita, na qual as únicas certezas são as ameaças constantes, o abandono, a falta de abrigo e a fome, “uma das experiências mais radicalmente desmoralizadas” assim como a “guerra de trincheiras”, nas palavras de Walter Benjamin em seu ensaio “Experiência e pobreza” (1994, p. 115).

Tendo o corpo e a subjetividade violentados em Luanda, Himba acaba amadurecendo de forma precoce, encontrando refúgio na amizade de Kassule, um menino de dez anos que, assim como ela, também é “filho da guerra” (2016, p. 64). Sua mãe morreu após a explosão de uma mina, acidente que o fez perder uma perna e aguardar, ansiosamente, a possibilidade de colocar uma prótese. Tornara-se, na visão do personagem Tobias, “uma migalha de gente, um sub-humano” (p. 180). Nessa cidade, convertida em lar de Himba e Kassule, ficamos sabendo dos tantos órfãos de guerra que, assim como eles, lá se foram amontoando, crianças de diversas regiões do país que perderam a família e passaram a buscar refúgio perto do mar, cheirando gasolina e pedindo esmola para sobreviver.

Já em 2012, os outros dois protagonistas nos apresentam uma Luanda contemporânea, “onde só o dinheiro era dono e senhor” (2016, p. 22), na qual a superficialidade e a ostentação de certos grupos privilegiados são denunciadas pelas falas e atitudes dos jovens pertencentes à alta classe luandense que frequentam o restaurante de luxo no qual Sofia trabalha. Vemos uma cidade em que a especulação imobiliária levou a uma redistribuição espacial da população ao multiplicar condomínios e urbanização para a classe média, “enquanto muitos moradores dos musseques eram atirados para o Zango e outros bairros de casas económicas (p. 23). É como se a cidade colonizada, apontada por Fanon em *Os condenados da terra*, não tivesse sido superada, afinal de contas, ela continua, no final dos anos 1990 e início do século XXI, um “mundo cortado em dois” (2005, p. 54). No passado, à região habitada pelo colono, “sólida, toda de pedra e ferro, [...] iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo transbordam sempre se restos desconhecidos”, contrapunha-se a do colonizado, “um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados”, onde “nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa” (p. 55). O romance denuncia que tais distinções espaciais, que refletiam as desigualdades sociais, sobreviveram após a conquista da independência, mostrando que, infelizmente, o passado possui, sim, asas, fazendo a Luanda do tempo presente permanecer, assim como a de antes, submissa e submetida aos desmandos das autoridades, sejam elas coloniais ou locais.

A forma como as duas estórias são apresentadas torna mais cruel ainda a distância social, para além da temporal, dos dois núcleos narrativos, pois ao luxo, excesso e desperdício da realidade de um grupo contrapõe-se a falta, a carência e a miséria dos meninos de rua. A dureza da “vida tão curta e cheia de tristezas, terror, sofrimento” (2016, p. 246) dos “kandengues de areia” (p. 179) é, no entanto, suavizada pelas relações de afeto que se estabelecem. Há a mais-velha Isabel Kimba, ou tia Izabel, a “generosidade feita pessoa” (p. 294), que sempre os recebia com bom humor em sua casa. Há, também, uma pura demonstração de amizade quando Himba resolve abrir mão de um emprego como serviçal e de uma possível estabilidade, já que Kassule não poderia acompanhá-la e ela sentia que devia protegê-lo, decisão esta que deixou o jovem calado e emocionado, “com os olhos inundados de mar” (p. 110). Lembramos, ainda, o exemplo do segurança Kassanje, trabalhador explorado e sem perspectiva que abre mão da indiferença para alimentar os meninos famintos que ficam à espera das sobras dos caros jantares desperdiçados.

Conforme a paz se vai aproximando, vamos percebendo, no entanto, que ela está longe de ser uma realidade para a população desvalida. Em uma cena repleta de ironia, Himba, já instalada em um abrigo, resolve ficar até mais tarde no centro da cidade para treinar sua participação em uma peça de comemoração da independência. No caminho de seu novo lar, ela é atacada e quase abusada sexualmente, pois já estava escuro e a iluminação naquele local era pouca, denunciando que bens básicos, como o acesso à eletricidade, não haviam chegado a todos, mesmo após a libertação por ela ensaiada para ser celebrada.



Em 2002, a tão aguardada paz oficial finalmente se torna realidade. “A anunciada chegou como a chuva no Planalto. Só avisos leves, nada de barulhos certos, apenas rumores [...] A paz desdobrou sua manta sobre o país [...] E as pessoas voltaram a sonhar. Nem julgavam já isso provável (2016, p. 349). As duas estórias, então, finalmente se encontram. O diálogo final, entre Sofia e Diego, é forte e muito significativo, pois, apesar de denunciar atitudes individualistas por parte da irmã, nos apresenta um personagem que, mesmo carregando tantos traumas do passado, diz não à inevitabilidade da corrosão moral pela ambição e dos jogos mesquinhos de poder. “Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos” (p. 371), ensina a Sofia.

Cabe dizer que para nós, brasileiros, os questionamentos levantados pela obra nos permitem refletir sobre os (des)caminhos de Angola e de nosso próprio país, também ele dividido por muros invisíveis que fazem da desigualdade social uma de nossas principais degradações morais. Assim como faz Sofia na cena-fecho do romance, devemos nós, do outro lado do Atlântico, também nos perguntar: “é este o nosso futuro, a ditadura da ganância?” (p. 372).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Luanda: Mayamba Editora, 2010.

PEPETELA. *Se o passado não tivesse asas*. Lisboa: Dom Quixote, 2016.

Texto recebido em 10 de agosto de 2016 e aprovado em 30 de agosto de 2016.